

Revista de Literatura,  
História e Memória



Seção:

Pesquisa em Letras no contexto Latino-  
americano e Literatura, Ensino e Cultura

ISSN 1983-1498

v. 18 – n. 31 – 2022

UNIOESTE / CASCAVEL - p. 350-374

## O IMAGINÁRIO ORIENTALISTA NOS RELATOS DE VIAGEM DE PABLO NERUDA

### The orientalist imaginary in Pablo Neruda's travel accounts

Isabela Roque Loureiro<sup>1</sup>

Suzana de Carvalho Barroso Azevedo<sup>2</sup>

Camila Carneiro Dazzi<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo propõe-se a investigar os relatos de viagem do escritor chileno Pablo Neruda no início do século XX, quando vivencia sua carreira diplomática no exterior. Nosso objetivo é analisar esses textos buscando identificar as (des) continuidades de um Oriente místico, exótico e pitoresco, fruto de um imaginário construído no século XIX, sobretudo pela arte e pela literatura. Para tanto, valemo-nos de conceitos como imaginário, definido como um acervo coletivo de sentidos que motiva a ação, bem como do

entendimento de relato de viagem como um gênero subjetivo, impressionista e de natureza, muitas vezes, política. As análises apontam para uma percepção híbrida e não idealizada de Neruda em relação ao Oriente, composta por construções orientalistas de singular beleza assim como por uma visão negativa, possivelmente derivada de sua experiência como um cidadão de um país que também teve a história marcada pelo processo de colonização. Dessa maneira, os relatos nerudianos transgridem a lógica hegemônica não só por terem sido escritos por um viajante de origem não europeia, mas também por subverterem um imaginário colonial sobre o Oriente, construído em um contexto de dominação violenta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pablo Neruda; Relatos de Viagem; Imaginário; Oriente.

**ABSTRACT:** This article aims to investigate the travel accounts of the Chilean writer Pablo Neruda in the early twentieth century, when he experiences his diplomatic career abroad. Our goal is analyze these texts trying to identify the (dis) continuities of a mystical, exotic and picturesque Orient, which results from an imaginary produced in the 19th century, mainly by art and literature. In order to do so, we use concepts such as imaginary, defined as a collective collection of meanings that motivates action, as well as the understanding of travel accounts as a subjective, impressionistic and often political in their nature. The analyzes point to a hybrid and non-idealized perception of Neruda in relation to the East, composed of orientalist constructions of singular beauty as well as a negative view, possibly derived from his experience as a citizen of a country that also went through the process colonization. Therefore, the nerudian accounts break the hegemonic logic not only because they were written by a non-European

<sup>1</sup> Professora do quadro permanente do CEFET/RJ - campus Nova Friburgo. Doutorado e Mestrado em Letras Neolatinas (Literaturas Hispânicas) pelo Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro do Grupo de Pesquisa Estudos Integrados em Turismo e Humanidades (CNPq/Brasil). E-mail: isabela.loureiro@cefet-rj.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6202076666822766>.

<sup>2</sup> Professora do quadro permanente do CEFET/RJ - campus Nova Friburgo. Doutorado e Mestrado em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Membro do Grupo de Pesquisa Estudos Integrados em Turismo e Humanidades (CNPq/Brasil). E-mail: suzana.azevedo@cefet-rj.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1683478468536357>.

<sup>3</sup> Professora do quadro permanente do CEFET/RJ - campus Nova Friburgo. Doutorado em História e Crítica da Arte pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em História da Arte pelo Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Membro do Grupo de Pesquisa Estudos integrados em Turismo e Humanidades (CNPq/Brasil). E-mail: camila.dazzi@cefet-rj.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4381920068622016>.

traveler, but also because they subverted a colonial imaginary about the East, built in a context of violent domination.

**KEYWORDS:** Pablo Neruda; Travel Accounts; Imaginary; Orient.

## INTRODUÇÃO

Os relatos de viagem registram impressões de pessoas que, por um determinado período de tempo, estão experienciando uma realidade que não é a sua. Para os historiadores, os relatos são materiais fecundos para obtenção de informações sobre hábitos e culturas de povos e regiões. De acordo com Franco (2011), os relatos, quando usados como fonte documental, assinalam a existência de fatos históricos sem considerar de maneira mais crítica o lugar de enunciação de seu autor, isto é, tomam as interpretações como sendo representativas de uma determinada realidade.

Para além desse entendimento de relato como reprodução da uma realidade específica, temos a noção de que esses materiais constituem-se de um olhar subjetivo e localizado sócio historicamente sobre determinado fenômeno. Por essa perspectiva, há uma mudança de enquadre dos relatos de viagem que, ao invés de serem entendidos como fontes de informações factuais, correspondem a objetos a serem analisados (FRANCO, 2011). Sendo assim, há um deslocamento do foco das práticas sociais para a construção discursiva dessas práticas, isto é, a forma através da qual o autor, carregado de subjetividades e intencionalidades, decide descrever determinada realidade é o conteúdo a ser explorado em relatos de viagem.

Esta última tendência em se trabalhar com relatos está embasada em uma concepção de linguagem como meio através do qual agimos no mundo, (re)construindo os fenômenos à nossa volta nas práticas discursivas nas quais nos engajamos. Ao usarem a linguagem, os indivíduos, dotados de marcas identitárias que o localizam na vida social, se dirigem a alguém e estão imersos em um contexto sócio-histórico (MOITA LOPES, 2003). Dessa maneira, a análise dos processos discursivos que estruturam a nossa existência nos permite compreender melhor a vida em sociedade.

É desse modo que neste artigo são explorados os relatos de viagem produzidos pelo escritor chileno Pablo Neruda, escritos e publicados no período em que o autor vivencia sua carreira diplomática no exterior, após ser nomeado cônsul do Chile em Rangum (Birmânia), em 1927, com apenas 23 anos. Os textos em questão encontram-se presentes na quarta seção da *Antología General* (2010), obra comemorativa organizada pela *Real Academia Española y Asociación de Academias de la Lengua Española*. Nossa análise considera o contexto histórico

e social no qual o escritor estava imerso ao escrever seus relatos, e vale a pena comentar que muitos deles foram publicados no periódico chileno *La Nación* no final da década de 1920. A partir desses textos, analisaremos como se configuram as imagens sobre o Oriente<sup>4</sup> na escrita do viajante Neruda, na tentativa de averiguar se há ou não a continuidade de um imaginário exótico, pitoresco, anedótico e idealizado do Orientalismo oitocentista, muito acolhido e explorado pelos modernistas no final do século XIX e nas primeiras décadas do XX.

É imprescindível comentar que a prosa de Neruda durante anos manteve-se no esquecimento, sendo objeto de poucos estudos, e até hoje não se sabe o porquê desse incompreensível descrédito, especialmente pelo fato de estes textos se relacionarem, de modo significativo, com a produção poética de Neruda nesses anos, tal como nos aponta Juan Loveluck (1971) em *Neruda en La Nación (1927-1929): prosa olvidada*. Vejamos:

Ao lado dos poemas das duas primeiras Residências, textos mais conhecidos desses anos, existem, como segunda tarefa do viajante e observador, vários artigos jornalísticos aparecidos no jornal *La Nación*, de Santiago do Chile. Estes, de modo inexplicável, não foram recopilados nem incluídos inteiramente nas *Obras Completas*, mas sim inseridos de forma fragmentaria. [...] Fazemos justiça ao desaparecido crítico Jorge Sanhueza, que chamou atenção sobre este ignorado aspecto da produção nerudiana da época residencial (LOVELUCK, 1971, p. 58, tradução nossa)<sup>5</sup>.

O resgate desse significativo material dando-lhe vida a partir das análises sobre as imagens que refletem o Oriente configura-se como uma das contribuições desta pesquisa para os estudos da literatura, haja vista sua originalidade e potencial de iluminar aspectos de como a referida região era percebida no início do século XX. Ainda como contribuições do estudo, podemos apontar o fato de que esta análise recai sobre narrativas de um viajante latino-americano, isto é, de fora dos contornos europeus, configurando-se como uma percepção não colonial que transgride a tendência secular de observar os fenômenos a partir de lentes hegemônicas.

A presente pesquisa também se desdobra suscitando uma discussão sobre a temática da (re) construção de imaginários. De acordo com Maffesoli (2001), o imaginário é um depósito

---

<sup>4</sup> Trabalhamos com a perspectiva de Edward Said sobre o Oriente, região que, segundo o teórico, vai mais além de uma nomenclatura relativa à geografia de países localizados ao leste da Europa, incluindo os norte-africanos. Sob a ótica de Said, o Oriente trata-se, pois, de uma invenção, em outras palavras, de um produto político e cultural, por excelência, criado pelo Ocidente com o propósito nítido de dominação.

<sup>5</sup> “Junto a lo más conocido de la escritura de dichos años- los poemas de las dos primeras Residencias- existen, como segunda tarea del viajero y veedor, varios artículos periodísticos aparecidos en *La Nación* de Santiago. Estos, de modo inexplicable, no han sido recopilados ni incluidos en las *Obras Completas* sino en forma fragmentaria. [...] Hagamos justicia al desaparecido crítico Jorge Sanhueza, que llamó la atención sobre este ignorado aspecto de la producción nerudiana de la época residencial”.

coletivo de valores, ideias e estilos de vida ao qual os indivíduos estão sujeitos bem como uma força que os impulsiona à ação, de modo que estamos submetidos a um imaginário prévio ao mesmo tempo que somos semeadores de imaginários. Sendo assim, os relatos de Neruda têm o potencial de construir imaginários sobre o Oriente, sobretudo se considerarmos que muitos destes textos foram publicados, à época, em um jornal de grande circulação. Cumpre ressaltar que a dimensão da inserção e alcance dessas publicações foge ao escopo desta pesquisa; nosso objetivo é analisar os relatos, que têm o potencial de fabricar, alimentar e ressignificar imaginários.

A fim de alcançar o objetivo proposto, percorremos o caminho composto por viagem, análise de relatos e imaginário. A próxima seção traz algumas reflexões sobre conceitos que fundamentam o estudo como viagem e relatos. Na sequência, temos uma breve apresentação de Pablo Neruda seguida da análise de seus relatos de viagem, ponto central do artigo. Por fim, há uma discussão sobre as contribuições desta análise bem como dos desdobramentos da pesquisa para os estudos da linguagem, literatura e turismo.

## VIAGEM E RELATOS DE ESCRITORES

Antes de iniciarmos nossas reflexões sobre a prosa nerudiana, é preciso fazer algumas considerações imprescindíveis sobre o que era ser um escritor viajante no Oriente no início do século XX.

Segundo Julie Kalman, em *Armchair Travels* (2013, n.p., tradução nossa): “relatos de viagem eram muito populares no século XIX”<sup>6</sup>, talvez justamente por seu teor de desventura, ou aventura. E esse século XIX, como propõe Hobsbawm (1998), é aqui compreendido para além da barreira do ano de 1900, com reminiscências no século XX até quase o seu fim. Nesse “longo século XIX”, o passado oitocentista existiu no presente: como memória, reconstrução e zona de penumbra. E o futuro mergulhou no passado, que “sobreviv[eu] através de palavras e símbolos, escritos, impressos, objetos materiais, imagens” (HOBSBAWM, 1998, p. 17) e ideologias. Sendo assim, os escritores viajantes, nessa interseção entre passado, presente e futuro, ao produzir uma “literatura de viagem”: “[...] eles criaram efeitos de realidade e verdade, autoridade e plausibilidade, que são centrais para as diferentes maneiras como o mundo é compreendido na escrita da história ou da filosofia ou da ciência, ou na pintura, ou nas conversas do dia-a-dia.” (SIANTURI, 2011, apud YOUNGS, 2013, p. 3, tradução nossa)<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> “travel works were highly popular in nineteenth century”.

<sup>7</sup> “[...] they ‘created effects of reality and truth, authority and plausibility, which are central to the different ways

Segundo Todorov (2006), os relatos de viagem são muito antigos, no entanto, foi no século XIX, período em que encontramos a “gênese do Turismo” (SERRANO, 2017), que o gênero passa a assumir uma nova expressão, especialmente por conta das diversas transformações sociais, culturais, políticas, econômicas. Dentre elas, destacamos o processo de modernização e urbanização das grandes cidades, acompanhado pelo progresso dos meios de transportes, em especial com a chegada das ferrovias, o que contribuiu significativamente para o deslocamento das pessoas pelo mundo e, conseqüentemente, abriu caminhos para o fomento de novas práticas turísticas. Outro fator responsável pela consagração do gênero à época foi a expansão colonial empreendida por nações europeias como Inglaterra, França e Espanha no Norte da África. Observa-se que após a invasão e a colonização francesa na Argélia, em 1830, as relações internacionais e comerciais entre os países colonizadores e colonizados tornaram mais fáceis as viagens a esses destinos até então hostis (THORNTON, 1978).

Nesse período, as viagens intensificam-se e os relatos de viagem, por conseguinte, acompanham esse nítido crescimento. Devido às facilidades, muitos foram os viajantes, principalmente escritores e artistas plásticos, que se aventuraram ao desconhecido em busca de novas realidades e experiências e, quiçá, de autoconhecimento, visto que a viagem nos oferece o melhor meio de “polir nosso cérebro pelo contato com os outros” (MONTAIGNE, 1580, n.p., tradução nossa)<sup>8</sup>. Segundo Todorov (2006), é na viagem que se tem a oportunidade de explorar o mundo, e por meio dela é que o indivíduo tem a possibilidade de começar a se descobrir, a se conhecer melhor. E desses encontros, destacamos os relatos de viagem oitocentistas sobre o Oriente, narrações pessoais e completamente subjetivas que surgem de uma certa tensão ou um certo equilíbrio entre o sujeito observador e o objeto observado (TODOROV, 2006).

É importante comentar que esses relatos de viagem seguramente possuem funções distintas e dependem do intuito de quem os escreveu ou os encomendou. Muitos relatos que retratam experiências em países considerados exóticos no século XIX foram publicados décadas depois de redigidos, pois, em realidade, são coletâneas de cartas pessoais de artistas, escritores, educadores e naturalistas viajantes destinadas a parentes, amigos e amantes, e não para os olhos do grande público<sup>9</sup>. Lidamos aqui com publicações que, à época de sua produção, foram lidas e possivelmente influenciaram a percepção contemporânea de um significativo número de pessoas sobre determinados territórios. Acreditamos que esse seja o caso dos escritos

---

the world is understood in the writing of history or of philosophy or of science, or in painting, or in everyday talk”.

<sup>8</sup> “limar nuestro cerebro con el de otros”.

<sup>9</sup> Apenas para darmos um exemplo, citamos as já bem estudadas cartas pessoais de Saint-Hilaire, botânico, naturalista e viajante francês, localizadas nos Archives nationales (Paris) e publicadas em estudos recentes como os de Lorelai Kury: “Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar” (2003).

do chileno Pablo Neruda para o Jornal *La Nación*, a partir dos anos de 1920.

Em virtude desses relatos, Neruda, durante sua longa estadia como cônsul no Oriente, pode ser considerado um “escritor viajante”. O conceito de escritor viajante, a princípio, nos induz a pensar em uma pessoa em movimento, que está de passagem em terra(s), distinta(s) da sua. Não obstante, o referido conceito pode também incluir o escritor viajante que passou anos morando no estrangeiro e retornou, posteriormente, para o seu país de origem (BORTHWICK, 1991), tal como fez Neruda.

Conforme já mencionado nesse artigo, o início do século XX é marcado por continuidades oitocentistas, mas também por mudanças. Um fator de transformação relevante nos relatos de alguns escritores viajantes do período é um crescente teor político em seus textos, uma vez que desvincularam os relatos de viagem de suas origens imperialistas e atingiram uma maturidade discursiva (SIANTIURI, 2011, apud YOUNGS, 2013). Nesse sentido, a construção de um imaginário por meio de escritos de viagem sobre um determinado país, império, reino, protetorado ou colônia se tornou, para alguns escritores viajantes, indissociável das disputas políticas, econômicas e culturais, sobretudo em um momento como o “longo século XIX”, extremamente complexo.

Se considerarmos o contexto específico da trajetória de Neruda como autor viajante, temos, por um lado, as antigas colônias espanholas na América do Sul, dentre elas o Chile, que passaram por processos de invasão e dominação durante o período colonial, se tornando, no século XIX, independentes, e necessitando reconstruir as suas imagens como nação independente. Por outro lado, temos o continente africano, sobretudo o Norte da África, e a Ásia sendo tomados por países europeus. Basta darmos como exemplo o domínio britânico na Birmânia, que durou de 1824 a 1948, e deu origem às guerras anglo-birmanesas, ou a Índia, controlada pela coroa britânica a partir de 1858, após a derrota da Confederação Sique no Panjabe (PASSETTI, 2016).

Saindo do âmbito político, há outra mudança relevante dos relatos de viagem: a diferença substancial de gênero nos relatos da virada do século XIX e dos primeiros anos do século XX. Os escritos se tornaram cada vez menos alegóricos e cada vez mais “impressionistas”, pessoais (ALÛ; HILL, 2018). Os relatos de viagem até meados do século XIX submetiam as observações do viajante a um desenho preconcebido que eles estavam condicionados a ilustrar. Já nas décadas finais do século XIX e no início do XX, o escritor viajante tende a relatar as suas diferentes impressões, que são essencialmente visuais. Como coloca Bernard McGrane (1989), a literatura de viagem está profundamente envolvida com as práticas visuais [...] ver, olhar e contemplar estão arraigados na maioria das narrativas dos

viajantes” (MCGRANE, 1989, p. 116). É o “olhar” do viajante que será transferido para o texto, seja na forma escrita ou visual (MCGRANE, 1989, p. 116).

E essa mudança no gênero não é casual, trata-se da busca pela modernidade que caracterizou todas as artes desse período. Uma prática artística moderna (no campo visual ou linguístico) era construída com base em um sentido de diferença, de originalidade. Essa valorização abriu um espaço de liberdade, no seio do qual o autor podia se afirmar em toda a sua singularidade. O escritor, a partir de então, deveria redigir como via, como sentia, respeitando o seu temperamento (DAZZI, 2019). Julie Kalman, em *Armchair Travels* (2013, n.p., tradução nossa), reforça essa percepção:

Os escritores franceses do século XIX viajaram não para se perder, mas exatamente pelo motivo oposto. Eles foram para outro lugar com o propósito de autodescoberta e autoexpressão. É nesse sentido que o relato de viagem é um gênero profundamente subjetivo. E se foi assim no século XIX, pode-se dizer que ainda é. Isso pode causar irritação para leitores impacientes e intolerantes como eu, mas é uma costura dourada que pode levar o historiador a uma mina [de ouro]<sup>10</sup>.

Dessa maneira, os leitores cada vez mais esperavam, no relato do escritor viajante, que estivesse explícito o instante da apreensão do visível como a descoberta de uma essência única, uma experiência singular. Essa sensação de imediatismo, de espontaneidade, que se opunha ao artificial e ao não autêntico dos relatos como os da virada do século XVIII para o XIX, era construída pelo artista (escritor, pintor, escultor e outros) que conseguia passar ao espectador as suas impressões do mundo real, do visível.

## **NERUDA: O VIAJANTE CHILENO PELO ORIENTE**

Nascido na cidade de Parral, no Sul do Chile, em 12 de julho de 1904, Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto, mais conhecido como Pablo Neruda, pseudônimo utilizado pelo escritor após começar suas atividades literárias, foi sem dúvida um dos mais importantes nomes da literatura hispano-americana, o que lhe rendeu notoriedade e diversos prêmios e homenagens internacionais, dentre eles: o prêmio Stalin da Paz, em 1953, o renomado título honoris causa da Universidade de Oxford, em 1965, e o Prêmio Nobel de Literatura, em 1971.

---

<sup>10</sup> “Nineteenth-century French writers travelled not to lose themselves, but for precisely the opposite reason. They went elsewhere for the purpose of self-discovery and self-expression. It is in this sense that travel writing is a deeply subjective genre. And if it was thus in the nineteenth century, arguably, it is still so. This might make for irritation for impatient and intolerant readers such as me, but it’s a golden seam that can lead to a mine for the historian”.

A obra poética do autor, traduzida em diversos idiomas e investigada por pesquisadores do mundo inteiro, merece ser compreendida por meio de um olhar diferenciado, e, portanto, não deve ser analisada meramente através de influências e mediante referências a movimentos europeus, tal como comenta Jean Franco, em *Introducción a la literatura hispanoamericana* (1970). Segundo o crítico literário, Neruda é detentor de um estilo único, e, assim como Cesar Vallejo:

[...] conhecia muito bem os movimentos de vanguardas e os críticos encontraram vestígios do surrealismo, de T. S. Eliot e de muitos outros poetas em sua obra. Não obstante, por mais variadas tenham sido as leituras de outros poetas, Neruda tinha algo profundamente pessoal para dizer, e para isso desenvolveu novas formas e técnicas (FRANCO, 1970, p. 288, tradução nossa)<sup>11</sup>.

Essa “vontade de dizer” é o assunto focado por esta análise que se debruça sobre os relatos de viagem produzidos durante a estadia de Neruda no Oriente. Nesse período, o escritor vai se deparar com as perdas resultantes de uma viagem (cf. item 2) e ficará cada vez mais clara a ideia de que sair de casa torna o viajante suscetível a encontros com muitas incertezas, tal como assinala Paul Theroux (2011, n.p., tradução nossa) em *Why we travel*: “Ao longo da história, o viajante foi forçado a reconhecer o fato de que sair de casa significa perder a inocência, encontrar a incerteza”<sup>12</sup>. Viajar, portanto, trata-se de uma “[...] fuga ao inalcançável, mas que nos atrai inexoravelmente e que nos faz aceitar as dificuldades e a solidão, e a interromper arbitrariamente a vida a que estamos habituados num determinado lugar sem poder dar uma explicação racional” (SCHWARZENBACH, 2017, p. 73, tradução nossa)<sup>13</sup>. Não obstante, viajar também é crescimento, é ter a oportunidade de experimentar e, a partir das experiências, renascer, de maneira a “descobrirmo-nos a nós mesmos e o reflexo das nossas vidas nas etapas da viagem, assim como descobriremos o outro sem o conforto das referências que nos são imediatas” (SERRANO, 2017, p. 16- 17).

A longa viagem do diplomata chileno iniciou-se no dia 14 de junho de 1927, em jornadas de terceira classe, feitas em trens e barcos que passaram por cidades como Buenos Aires, Lisboa, Madrid e Paris (LOVELUCK, 1971). Neruda estava acompanhado de Álvaro Hinojosa,

---

<sup>11</sup> “[...] conocía muy bien los movimientos de vanguardias y los críticos han encontrado las huellas del surrealismo, de T. S. Eliot y de otros muchos poetas en su obra. Pero, por variadas que hayan sido sus lecturas de otros poetas, tenía algo profundamente personal que decir y para eso tomó y desarrolló nuevas formas y técnicas”.

<sup>12</sup> “Throughout history the traveler has been forced to recognize the fact that leaving home means a loss of innocence, encountering uncertainty”.

<sup>13</sup> “[...] salir huyendo hacia algo que resulta inalcanzable pero que nos atrae inexorablemente, aceptando las dificultades y la soledad que esse algo nos causa y renunciando a nuestra forma de vida de modo absolutamente gratuito, sin um motivo que de verdade lo justifique”.

um grande e estimado amigo, sobretudo das noites boemias, e ambos viajaram para conhecer o mundo e para que o mundo os conhecesse, tal como assinala Edmundo Olivares Briones (2000), em seu emblemático livro “*Pablo Neruda, los caminos de Oriente: tras las huellas del poeta itinerante (1927-1933)*”. Olivares Briones (2000) ainda explica que, no caso de Pablo Neruda, a viagem, além das responsabilidades formais que o cargo diplomata lhe exigia, também representava a realização de um desejo íntimo, de uma “necessária evasão”. É essencial comentar que para os artistas e escritores latino-americanos da época, a experiência no exterior, em especial na Europa, era fundamental, e a viagem a estes países europeus se dava com a intenção de encontrar “*algo* que detonaria o imenso talento que cada um levava escondido em sua pobre maleta de passageiro de segunda ou terceira classe” (OLIVARES BRIONES, 2000, p. 41, tradução nossa)<sup>14</sup>.

No Chile, foram muitos os governos que, de certa forma, alimentaram e fomentaram essa concepção. Patrocinavam a ida ao exterior de diversos jovens talentos, principalmente pintores e escultores, dando-lhes os recursos necessários para os estudos e estadia em países como França e Itália (OLIVARES BRIONES, 2000). Com relação aos escritores, o teórico afirma que para os homens das letras as oportunidades sempre foram mais difíceis e menos generosas. No entanto, com ou sem ajuda financeira dos governos, os literatos também iam ao exterior (OLIVARES BRIONES, 2000) cumprir idêntica experiência.

O destino final da viagem de Pablo Neruda, já conhecido por um expressivo número de leitores, críticos e jornalistas encantados pelo talento nada comum do jovem escritor, demonstrado desde a primeira publicação: *Crepusculario*, em 1923 (OLIVARES BRIONES, 2000), era Rangum, Mianmar, e imediatamente nos vem a pergunta: por que tão distante? Em *Confieso que he vivido*, livro de memórias publicado postumamente pela viúva do escritor, Matilde Urrutia, em parceria com o escritor venezuelano Miguel Otero Silva, em 1974<sup>15</sup>, encontramos a resposta, interessantíssima, por sua vez, por revelar explicitamente as razões que o conduziram a explorar o “fabuloso Oriente”, sem ao menos ter ideia do que encontraria pela frente. O relato é divertido e curioso. Vejamos:

O elegante funcionário, que agora não podia falar de Tchaikovski, mencionou os nomes de várias cidades disseminadas no mundo, das quais apenas consegui pescar um nome que nunca havia escutado e lido antes: Rangum. - Aonde quer ir, Pablo?, disse-me o ministro. - Para Rangum, respondi sem vacilar. - Nomeio-o, ordenou o ministro ao meu protetor, que imediatamente

---

<sup>14</sup> “*algo* que haría detonar al inmenso talento que cada cual llevaba escondido en su pobre maleta de pasajero de segunda o tercera clase”.

<sup>15</sup> Período marcado pela ditadura militar no Chile e em outros países da América Latina.

providenciou o decreto. Havia um globo terrestre no salão ministerial. Eu e meu amigo Bianchi buscamos a desconhecida cidade de Rangum. O velho mapa tinha uma profunda deformação na região da Ásia e nessa concavidade a descobrimos. - Rangum. Aqui está Rangum. Mas quando encontrei meus amigos poetas, horas mais tarde, e quiseram celebrar minha nomeação, eu havia me esquecido por completo o nome da cidade. Apenas pude explicar a eles, com grande alegria, que havia sido nomeado cônsul do fabuloso Oriente e que o lugar se encontrava em um buraco do mapa (NERUDA, [20–], p. 67-68, tradução nossa)<sup>16</sup>.

A viagem ao Extremo Oriente, que durou cinco anos, assume um papel fundamental na vida do poeta; promove profundas transformações no seu ofício literário e, sobretudo, na forma de perceber a vida a partir do contato com realidades tão díspares e profundamente marcantes. O conhecimento do período oriental possui um valor único e clarificador segundo a crítica (LOVELUCK, 1971), e não há dúvidas de que dessa memorável experiência nasce um novo Neruda. Edmundo Olivares Briones (2000) também assinala a importância desse momento, afirmando que “todas estas experiências vão influir, de uma maneira ou outra, em suas decisões futuras, no rumo posterior de sua vida e de sua poesia” (OLIVARES BRIONES, 2000, p. 9, tradução nossa)<sup>17</sup>.

No texto *Danza de África*, publicado em 20 de novembro de 1927 no jornal chileno *La Nación*, o viajante Neruda nos descreve sua chegada em Djibouti- país localizado na África Oriental e que faz fronteira com a Etiópia, Eritreia e Somália. Faz questão de precisar aos leitores da publicação a posição geográfica limítrofe do país, atribuindo destaque à terrível condição climática da região por conta do “agudo sol africano” e também à diversidade religiosa existente a partir da convivência entre budistas e muçumanos.

Mais adiante, Neruda empreende uma descrição detalhada dos habitantes somalis, destacando principalmente as características físicas dos “graciosos negroides”, resistentes a todo custo: “espécie humana de consistência metálica, clara de som, impossível de romper” (NERUDA, 2010, p. 84-85, tradução nossa)<sup>18</sup>, a partir de uma linguagem poética, repleta de

---

<sup>16</sup> “El atildado funcionario, que ahora no podía hablar de Tchaikovski, dio los nombres de varias ciudades diseminadas en el mundo, de las cuales sólo alcancé a pescar un nombre que nunca había oído ni leído antes: Rangoon. - ¿Dónde quiere ir, Pablo? —me dijo el ministro. - A Rangoon —respondí sin vacilar. - Nómbralo —ordenó el ministro a mi protector, que ya corría y volvía con el decreto. Había un globo terráqueo en el salón ministerial. Mi amigo Bianchi y yo buscamos la ignota ciudad de Rangoon. El viejo mapa tenía una profunda abolladura en una región del Asia y en esa concavidad lo descubrimos. - Rangoon. Aquí está Rangoon. Pero cuando encontré a mis amigos poetas, horas más tarde, y quisieron celebrar mi nombramiento, resultó que había olvidado por completo el nombre de la ciudad. Sólo pude explicarles con desbordante júbilo que me habían nombrado cónsul en el fabuloso Oriente y que el lugar a que iba destinado se hallaba en un agujero del mapa”

<sup>17</sup> “todas estas experiencias habrán de influir, de una u otra manera, en sus decisiones futuras, en el rumbo posterior de su vida y su poesía”.

<sup>18</sup> “especie humana de consistencia metálica, clara de sonido, imposible de romper”.

metáforas, comparações e de significados, que nos aproxima daquela tão distante e desconhecida realidade representada por ele em sua prosa sobre os povos, culturas e territórios do Oriente. Há também a descrição de uma cena que parece ser bastante habitual naquele cenário, os somalis caçando moedas de pouco ou inexistente valor lançadas pelos estrangeiros, e faz questão de assinalar que este foi um episódio descrito diversas vezes por outros viajantes que desbravaram aquela inóspita região.

Neruda, possivelmente aprisionado e absorvido por aquela realidade singular, completamente diferente das até então visitadas e exploradas por ele no Ocidente, prossegue seu relato dando aos leitores de *La Nación* preciosas informações sobre a desconhecida Djibouti dos anos 20, em especial sobre a condição econômica e política do país, cuja independência em relação à França foi proclamada apenas em 27 de junho de 1977. É importante comentar que a antiga colônia francesa - intitulada Somalilândia Francesa (*Côte française des Somalis*) e posteriormente *Território Francês dos Afars e Issas*, em 1967 - foi estabelecida em 1862, como resultado do interesse da França na região conhecida como Chifre da África, o que corrobora o já comentado ideário imperialista em voga à época do relato.

Fala da presença e do domínio dos europeus, ao afirmar contundentemente que Djibouti também é branco. Entretanto, o que mais chama a atenção no relato nerudiano é a esterilidade de suas terras. Djibouti não produz, seu solo é desértico e, por conseguinte, infértil, e os seus produtos - peles, laranjas - advêm de outras regiões do Oriente. Suas palavras consistem em marcar as condições inóspitas para os habitantes locais e a profunda desigualdade social existente, uma vez que os estrangeiros, mesmo com todas as adversidades, dispõem de uma situação privilegiada: “Os europeus se escondem a esta hora no fundo de suas casas com palmeiras e sombra, se enterram dentro das banheiras, fumam entre a água e os ventiladores” (NERUDA, 2010, p. 85, tradução nossa)<sup>19</sup>. E como poeta do povo, em especial do oprimido, Neruda acaba se identificando e se apropriando dessa particular realidade, o que o leva a afirmar: “Djibouti me pertence. Eu a dominei, passeando sob seu sol nas horas temíveis” (NERUDA, 2010, p. 85, tradução nossa)<sup>20</sup>, pensamento que corrobora, portanto, esse sentimento de pertencimento.

Fica nítida a proposta de ambientação empreendida por Neruda em *Danza de África*; percebe-se no relato um forte desejo de contextualizar a realidade de Djibouti e de seus territórios, como é o caso da cidade indígena, representada a partir de imagens que nos dão uma

---

<sup>19</sup> “Los europeos se esconden a esta hora en el fondo de sus casas con palmeras y sombra, se sepultan adentro de las bañeras, fuman entre el agua y los ventiladores”.

<sup>20</sup> “Djibouti me pertenece. Lo he dominado, paseando bajo su sol en las horas temibles”.

ideia de decadência, declínio, e dos costumes da região: “Do lado do deserto fica a cidade indígena. Tortuosa, achatada, de materiais velhos e áridos: adobe, construções de totoras miseráveis. Vários cafés árabes em que indivíduos fumam deitados em esteiras, seminus, personagens de rosto altivo” (NERUDA, 2010, p. 85, tradução nossa)<sup>21</sup>. E é nesse cenário em ruínas que vemos uma das mais interessantes imagens sobre o Oriente, a das mulheres dançarinas. A descrição realizada por Neruda é carregada de ritmo e de movimentos, assim como de exotismo: “saias multicoloridas, rostos negros pintados de amarelo, braceletes de âmbar” (NERUDA, 2010, p. 86, tradução nossa)<sup>22</sup> e de sensualidade: “Seus corpos negros brilham de suor, como móveis molhados” (NERUDA, 2010, p. 86, tradução nossa)<sup>23</sup>. Não obstante, também é capaz de revelar dor e sombras, o que pelo inquietante efeito acentua a beleza da cena; trata-se, pois, de uma narrativa repleta de poesia. Citamos:

Entro na primeira cabana e me deito sobre uma tapeçaria. Nesse instante, do fundo, aparecem duas mulheres. Estão nuas. Dançam. Dançam sem música, pisando no grande silencio de África, como em um tapete. Seu movimento é lento, precavido [...]. São sombras. De uma semelhante sombra ardente e dura, colada permanentemente ao metal reto dos seios, à força de pedra de todos os membros. Alimentam a dança com vozes internas, gástricas, e o ritmo torna-se ligeiro, de frenesi. [...]. Seus negros corpos brilham de suor, como móveis molhados; suas mãos, levantando-se, sacodem ao som dos braceletes, e de um salto brusco, na última tensão giratória, permanecem imóveis, terminada a dança, grudadas no chão como fantoches esmagados (NERUDA, 2010, p. 85-86, tradução nossa)<sup>24</sup>.

Em *Confieso que he vivido*, Neruda novamente resgata Djibuti, comentando ser o país um lugar impressionante, em especial por essa paisagem desértica, primitiva, colonizada e, por sua vez, cheia de contrastes, semelhantes razões que possivelmente tenham atraído os olhares do poeta francês Rimbaud em sua viagem a Djibouti em 1880. No entanto, cabe comentar que essas representações do Oriente feitas pelo poeta desconstroem, segundo Jaime Concha (1972), dois importantes mitos do modernismo: o mito da França como miragem da alma sul-americana e o mito do Oriente: “Mais tarde quando pisar nas terras de Índia, de Ceilão e do sudeste

---

<sup>21</sup> “Del lado del desierto está la ciudad indígena. Tortuosa, aplastada, de materiales viejos y resecos: adobe, totoras miserables. Variada de cafés árabes en que fuman tendidos en esteras, semidesnudos, personajes de altivo rostro”.

<sup>22</sup> “pollerones multicolores, rostros negros pintados de amarillo, brazaletes de âmbar”.

<sup>23</sup> “Sus negros cuerpos brillan de sudor, como muebles mojados”.

<sup>24</sup> “Entro en la primera cabaña y me tiendo sobre un tapiz. En ese instante, del fondo, aparecen dos mujeres. Están desnudas. Bailan. Danzan sin música, pisando en el gran silencio de África, como en una alfombra. Su movimiento es lento, precavido [...]. Son de sombra. De una parecida sombra ardiente y dura, ya para siempre pegada al metal recto de los pechos, a la fuerza de piedra de todos los miembros. Alimentan la danza con voces internas, gastrálgicas, y el ritmo se hace ligero, de frenesí. [...]. Sus negros cuerpos brillan de sudor, como muebles mojados; sus manos, levantándose, sacuden el sonido de los brazaletes, y de un salto brusco, en una última tensión giratoria, quedan inmóviles, terminada la danza, pegadas al suelo como peles aplastados”.

asiático, o Oriente já não será o nome da evasão, mas sim a escura consciência da Pré-história humana” (CONCHA, 1972, p. 74, tradução nossa)<sup>25</sup>.

Neruda, nos textos em prosa, pinta com palavras o Oriente que vê independentemente de qualquer estética, e essas imagens se distanciam das retratadas por muitos escritores oitocentistas que adotaram o Orientalismo como “uma instituição autorizada a lidar com o Oriente - fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o: em suma, o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e exercer autoridade sobre Oriente” (SAID, 2020, p. 29). Distanciam-se também, em muitos aspectos, das construções idealizadas pelos modernistas hispano-americanos, tal como o escritor José Martí que, igualmente a muitos escritores e artistas europeus do séc. XIX, destacava, em suas obras poéticas, “descrições de paisagens e de sublimação da natureza oriental; a referência aos cavalos e à flor jasmim; as alusões a monumentos históricos, e claro, à figura feminina no harém”. (JARDINES DEL CUETO, 2016, p. 91, tradução nossa)<sup>26</sup>. Dessa forma, a “imersão desgarradora num mundo de párias e submetidos, um Oriente que não guarda mais relação com o mito sonhado pelos modernistas: é seu amargo revés, território de fome e exploração” (LOVELUCK, 1971, p. 57, tradução nossa)<sup>27</sup>.

E talvez tenha sido essa desintegração do mito do Oriente que levou Consuelo Hernández (2006) a pensar na tese de um antiorientalismo nerudiano. Para a autora, o poeta chileno tem dificuldades de penetrar no Oriente, chega, muitas vezes, a odiá-lo, tal como pode ser visto em muitos dos versos de *Residencia en la tierra* e em outros poemas escritos posteriormente. Essa aversão também pode ser encontrada em alguns dos textos publicados na quarta seção da *Antologia General*, em que o viajante Neruda aponta uma visão negativa sobre o Oriente, quiçá, segundo a autora, por não estar preparado para conhecer estes povos de culturas milenárias (HERNÁNDEZ, 2006).

O poeta chileno também revela simpatia por muitos locais. No artigo periodístico, intitulado *Invierno en los puertos*, escrito em Xangai, em fevereiro de 1928, e publicado posteriormente no *La Nación*, em 8 de abril de 1928, Neruda lamenta profundamente ter de deixar os territórios da indochina de “doces nomes” como Battambang, Berembeng e Saigon. Lastima igualmente a partida de Siam, de Bangkok, com sua etérea murmurante noite, e de

---

<sup>25</sup> “Más tarde cuando pise las tierras de India, de Ceilán y del sudeste asiático, el Oriente ya no será el nombre de la evasión, sino la oscura consciencia de la prehistoria humana”.

<sup>26</sup> “descripciones de paisajes y de sublimación de la naturaleza oriental; la referencia a los caballos y al jazmín; las alusiones a monumentos históricos, y por supuesto, a la figura femenina en el harém”.

<sup>27</sup> “inmersión desgarradora en un mundo de parias y sometidos, un Oriente que ya no guarda relación con el mito sonado por los modernistas: es su amargo revés, territorio del hambre y la explotación”.

Camboja. Acreditamos que a tristeza do viajante poeta se deu pelo fato de ele ver no Este, região quase ocidentalizada, elementos que lhe davam aconchego e que, possivelmente, despertassem nele certa familiaridade, como o cheiro do café quente, suave como pele feminina, e o restaurante francês, regado de vinho tinto, saladas e de alegria. Há também reminiscências do Oriente quando se refere ao ópio comercializado nas ruas, à natureza com certa vocação paradisíaca e à singular beleza das asiáticas, adornadas de seda e esbanjando feminilidade.

Toda aquela atmosfera inebriante se desfaz, e com certa violência, segundo Neruda, nos primeiros dias de navegação no mar da China. Da paisagem afetuosa e acolhedora da terra do Este, emerge um cenário gélido, marcado por uma garoa pétreia e por um frio intenso, o que seguramente explica a sensação de lamento sentida pelo poeta. E, ao desembarcar em Kowloon, o escritor-viajante mostra-se profundamente atraído pelas vestimentas de proteção dos passageiros, que muito se assemelhavam a pinguins glaciais.

No entanto, o que mais lhe chamou atenção foi a visão de Hong Kong, território “vasto, obscuro e brilhando como uma baleia recém caçada, cheio de ruídos, de respirações misteriosas, de assobios incríveis” (NERUDA, 2010, p. 92, tradução nossa)<sup>28</sup>. E dela se ocupará no parágrafo seguinte a fim de apresentar aos leitores as mudanças, mais especificamente o desaparecimento das tradições, decorrentes da presença ostensiva dos britânicos, o que acabou desencadeando um processo de ocidentalização da populosa e movimentada cidade. Segundo Neruda, de chinês restavam apenas os avisos de alfabeto enigmático, o que nos faz pensar na ideia de aculturação, muito familiar aos países latino-americanos que durante séculos viveram sob a intervenção da Coroa Espanhola, após a conquista. Vejamos o que assinala Neruda:

[...] uma violência de grande cidade do Ocidente- Buenos Aires ou Londres- cuyos habitantes tivessem adquirido os olhos oblíquos e a pele pálida. A multidão que nos empurra em seu trânsito vai majoritariamente metida em enormes e longos sobretudos, extravagantes, ou em batas negras de seda ou cetim, debaixo das quais se brota um grosso protetor acolchoado. A gente, assim vestida, caminha ridiculamente obesa e as crianças, cuja cabeça apenas aparece entre esta espessura de vestuário, assumem um curioso carácter extrahumano, *hipopotâmico* (NERUDA, 2010, p. 92, tradução nossa)<sup>29</sup>.

Vale comentar que a China, durante anos, manteve-se sob o controle da Inglaterra, por

---

<sup>28</sup> “vasto, obscuro y brillando como una ballena recién cazada, lleno de ruídos, de respiraciones misteriosas, de silbatos increíbles”.

<sup>29</sup> “[...] una violencia de gran ciudad de Occidente- Buenos Aires o Londres- cuyos habitantes hubieran adquirido los ojos oblicuos y la piel pálida. La multitud que nos empuja en su tránsito va mayormente metida en enormes sobretodos largos, hasta la extravagancia, o en batas negras de seda o satín, debajo de las cuales asoma un grueso acolchado protector. La gente, así vestida, camina ridículamente obesa y los niños, cuya cabeza apenas asoma entre esta espesura de vestuario, toman un curioso carácter extrahumano, hipopotámico”.

conta das guerras do ópio, e apenas em primeiro de julho de 1997, após um século e meio de ocupação, a ilha de Hong Kong é devolvida à nação chinesa, deixando de estar sob jurisdição britânica. Outro aspecto importante de ser levantado refere-se à questão da identidade. Para Joan Huerva Subirachs (2014), muitos dos honcongueses não se identificam como chineses, segundo uma pesquisa realizada pelo Centro de Comunicações e Opinião Pública da Universidade de Hong Kong, em 2012, o que reflete a crise de identidade pela qual passa a população local: “23,3% dos entrevistados se sentem “Honcongueses”, 41, 6% principalmente de Hong Kong mas também de China, 22% como cidadãos chineses em Hong Kong, e 12,5% se sentem somente chineses” (HUERVA SUBIRACHS, 2014, p. 232, tradução nossa)<sup>30</sup>.

A seguir, o poeta viajante registra a impressão de outra cidade chinesa: Xangai, que lhe parece ser mais receptiva e atrativa por conta da vida agitada da metrópole, onde abundam ruas movimentadas, cabarés internacionais e uma visível desordem moral. Dá destaque também à transformação da paisagem originária de Xangai, marcada pelas infinitas ruas chinesas entrecortadas por avenidas europeias. E essa modificação do espaço fica mais evidente quando comenta que:

[...] a cidade bancária se estende às margens do rio; e a menos de cinquenta metros, os grandes barcos de guerra ingleses, americanos, franceses, parecem sentados na água, baixos e cinzas de silhueta. Estas presenças severas e ameaçadoras impõem a segurança sobre o grande porto (NERUDA, 2010, p. 93, tradução nossa)<sup>31</sup>.

Aqui, Neruda novamente destaca a presença dominante e ameaçadora do estrangeiro, em outras palavras, dos povos colonizadores: Inglaterra, Estados Unidos e França, ficando para os leitores a oportunidade de refletir sobre os efeitos da política imperialista na Ásia em um contexto de dominação ocidental.

Outra significativa observação empreendida pelo viajante chileno sobre a agitada metrópole recai sobre o comportamento hostil com relação ao estrangeiro: “A cada momento se ostenta a agressividade contra o forasteiro, e o transeunte chinês, súdito antigo de Nanquim e Londres, se torna más arrogante e audaz” (NERUDA, 2010, p. 93, tradução nossa)<sup>32</sup>, e, talvez com a intenção de ilustrá-lo, Neruda assinala o assalto do amigo e companheiro de viagem, o

<sup>30</sup> “un 23’3% de los encuestados se sienten “Hongkoneses”, un 41’6% principalmente de Hong Kong pero también de China, un 22% como ciudadanos chinos en Hong Kong, y un 12’5% se sienten solamente chinos”.

<sup>31</sup> “[...] City bancaria se extiende a la orilla del río; y a menos de cincuenta metros, los grandes barcos de guerra ingleses, americanos, franceses, parecen sentados en el agua, bajos y grises de silueta. Estas presencias severas y amenazantes imponen la seguridad sobre el gran puerto”.

<sup>32</sup> “A cada momento se ostenta la agresividad contra el forastero, y el transeúnte chino, súbdito antiguo de Nankín y Londres, se hace más altanero y audaz”.

chileno Álvaro Hinojosa, durante sua primeira excursão noturna, infortúnio temido e também suscetível a qualquer turista.

Os prazeres e a vida noturna dos *dancing clubs* também ganham destaque no texto. Neruda comenta haver uma série deles, assim como de um sistema, que chega a ser importuno dado o apelo e a agressividade, estabelecido para fomentar o turismo nesses estabelecimentos em que a mulher torna-se objeto, produto comercializado, tal como pode ser observado em: “Esse oferecimento que o viajante escuta no Oriente, mil vezes por dia: *Meninas!, Meninas!*, toma em Xangai um caráter de imposição; o *rickshaman*<sup>33</sup>, o motorista de carros, disputa o cliente com ar de ferocidade contida, assaltando o passageiro, desde já, com os olhos” (NERUDA, 2010, p. 93, tradução nossa)<sup>34</sup>. Isso entristece notoriamente o poeta, e ao retratá-lo recorre a vocábulos e a ideias que nos remetem a um estado de total decadência e fracasso. Vejamos como o viajante constrói essa imagem:

[...] encontro certa tristeza nesses lugares noturnos de Xangai. A mesma monótona clientela de soldados e marinheiros. Clubes de dança em que as longas pernas do marinheiro internacional grudam obrigatoriamente nas saias da russa aventureira. Clubes de dança muito grandes, um pouco obscuros, como salas de recepção de reis pobres, em que a música não alcança os espaços, como uma calefação defeituosa, fracassada em seu intento de temperatura e intimidade (NERUDA, 2010, p. 93-94, tradução nossa)<sup>35</sup>.

Apesar disso, também confessa haver se surpreendido positivamente. Neruda encontra muita poesia, compreendida a partir de um universo extravagante e pitoresco, que se move pela beleza da diversidade, visível a todo instante no movimentado cotidiano da grande cidade asiática:

Veículos, vestuários, tudo parece embaralhado entre os maravilhosos dedos do absurdo. Frades taoístas, mendicantes budistas, vendedores de cestos, entregadores de comidas, trovadores, videntes, casas de prazer ou Jardins de Chá, dentistas ambulantes, e também, o palanquim senhorial transportando a mulheres belas, de dentes que sorriem (NERUDA, 2010, p. 94, tradução nossa)<sup>36</sup>.

<sup>33</sup> Condutor do *rickshaw*, meio de transporte asiático de tração humana, uma espécie de carroça de duas rodas em que uma ou duas pessoas podem ser transportadas.

<sup>34</sup> “Ese ofrecimiento que el viajero oye en el Oriente, mil veces al día: *¡Girls!, Girls!*, toma en Shangai un carácter de imposición; el *rickshaman*<sup>34</sup>, el conductor de coches, se disputan al cliente con aire de ferocidad contenida, desvalijándolo, desde luego, con los ojos”.

<sup>35</sup> “[...] hallo cierta tristeza en estos sitios nocturnos de Shangai. La misma monótona clientela de soldados y marineros. *Dancings* en que las piernas bombachas del marino internacional se pegan obligatoriamente a las faldas de la rusa aventurera. *Dancings* demasiado grandes, un poco oscuros, como salas de recepción de reyes desposeídos, y en cuyo ámbito, la música no alcanza hasta los rincones, como una calefacción defectuosa, fracasada en su intento de temperatura e intimidad”.

<sup>36</sup> “Vehículos, vestuarios, todo parece revuelto entre los maravillosos dedos del absurdo. Frailes taoístas,

Na descrição vemos cores, objetos, vestimentas, costumes e, por fim, gente. E cada uma dessas figuras que compõem esse cenário oriental, por excelência, revelam ao escritor um “encontro intraduzível, uma surpresa súbita que se junta a outras” (NERUDA, 2010, p. 94, tradução nossa)<sup>37</sup>. Nesse sentido, que privilégio teve o poeta, durante a viagem à China, de conseguir ver aquilo que verdadeiramente importa: o essencial, e a poesia da qual nos referimos nasce dessa visão e desses afortunados encontros.

A percepção de Neruda sobre o Oriente se aprofunda com sua experiência em Rangum, antiga capital da Birmânia, Myanmar, que desde o século XIX sofre constantes investidas da Inglaterra, vide a Primeira Guerra anglo-birmanesa (1824-1826), a batalha mais dispendiosa da história da Índia Britânica (RIBEIRO, 2012, p. 17); a segunda Guerra anglo-birmanesa (1852) e a terceira (1855). Em 1886, inicia-se o processo de colonização britânica, e apenas em 1948 a Birmânia conquista sua independência.

Suas atividades diplomáticas não o impedem de exercer o seu mais preferido ofício, o de escrever, embora esta atividade seja, muitas vezes, comprometida por conta do clima desértico e de seus efeitos terríveis. Na carta a José Santos Gonzáles Vera, datada de 6 de agosto de 1928 (Rangoon), Neruda confessa ao amigo estar sofrendo por este e outros motivos, principalmente com a solidão. E esse sofrimento, oriundo do distanciamento daquilo que ama, se dá em diferentes planos: no material e no espiritual, uma vez que há tanto um esgotamento do corpo como da mente. E esse mal-estar sentido pelo poeta chileno nos remete à ideia, já comentada, de viagem como experiência que nos permite sair da nossa zona de conforto e nos obriga a assumir o desconforto e a solidão (SCHWARZENBACH, 2017). Vejamos:

[...] Mais de um ano de vida nestes desertos, nestas terras fantásticas, entre homens que adoram a cobra e a vaca. Faz falta neste panorama versátil sua aguda complacência, sua fresca imparcialidade. Eu sofro, me angustio com achados horríveis, o clima me queima, maldigo minha mãe e minha avó, converso dias inteiros com minha cacatua, pago um elefante por mensalidades. Os dias me caem na cabeça como pauladas, não escrevo, não leio, vestido de branco e com chapéu de cortiça, autêntico fantasma, meus desejos estão influenciados pela tempestade e limonadas (NERUDA, 2010, p. 99, tradução nossa)<sup>38</sup>.

---

mendicantes budistas, vendedores de cestos, repartidores de comidas, juglares, adivinos, casas de prazer o Jardines de Té, dentistas ambulantes, y también, el palanquín señorial transportando a bellas, de dientes que sonrén”.

<sup>37</sup> “encuentro intraducible, una sorpresa súbita que se amontona a otras”.

<sup>38</sup> “[...] Más de un año de vida en estos desiertos, en estas tierras fantásticas, entre hombres que adoran la cobra y la vaca. Hace falta en este panorama versátil su aguda complacencia, su fresca imparcialidad. Yo sufro, me angustio con hallazgos horribles, me quema el clima, maldigo a mi madre y a mi abuela, converso días enteros con mi cacatúa, pago por mensualidades un elefante. Los días me caen en la cabeza como palos, no escribo, no leo, vestido de blanco y con casco de corcho, autêntico fantasma, mis deseos están influenciados por la tempestad y las limonadas.

Na carta enviada a Héctor Eandi, em 8 de setembro de 1928 (Rangoon), podemos igualmente notar a solidão vivenciada pelo poeta, em: “As datas destas cartas sinalizam longo tempo de horrorosa, solitária e inerte vida. O que fazer?” (NERUDA, 2010, p. 101, tradução nossa)<sup>39</sup> e também: “Não sei, mas gostaria de ir morar na Espanha. Minha existência aqui é desumana, impossível. Algum jornal de Buenos Aires me pagaria pelas correspondências? Necesito muito disso, o jornal chileno que me contratou não foi capaz de cumprir, eles são uma tropa de cachorros” (NERUDA, 2010, p. 102, tradução nossa)<sup>40</sup>. Outrossim, é possível observar a nítida insatisfação do poeta com sua ocupação de correspondente internacional, alegando não ser devidamente recompensado por *La Nación* pelo seu trabalho, bem como um expressivo desejo de viver na Espanha, que vai concretizar-se apenas em 1934, quando foi nomeado cônsul em Barcelona e, no ano seguinte, em Madrid, onde amplia seus laços de amizade e torna-se querido, especialmente pelos integrantes da Geração de 1927, que o reconhecem como um dos membros<sup>41</sup>.

Ainda sobre a carta enviada a José Santos Gonzáles Vera, Pablo Neruda anuncia o que era motivo de grande orgulho e alegria para ele, o seu novo livro *Residencia en la tierra*, obra em que comenta haver alcançado um resultado surpreendente: “ultrapassei um limite literário que nunca acreditei ser possível de superar, e na verdade meus resultados me surpreendem e me consolam” (NERUDA, 2010, p. 100, tradução nossa)<sup>42</sup>.

Infelizmente, anos mais tarde, vai demonstrar um profundo rechaço aos poemas escritos durante sua vivência na Ásia (CARDONA PEÑA, 1950), o que produz certa inquietação naqueles que se perguntam como:

[...] chega Neruda, depois de mais de quarenta anos, a reduzir toda esta riqueza cultural e social que experimentou na juventude a uma categoria redutora de Ásia que ele chamou em suas memórias “uma desventurada família humana” com “...uma vida de brutais exigências materiais, uma condição colonial edificada na mais oportuna abjeção, milhares de mortos diariamente, de cólera, de varíola, de febres, e de fome...”. (CLEARY, 2018, n.p, tradução nossa)<sup>43</sup>.

---

<sup>39</sup> “Las fechas de estas cartas quieren decir para mí largo tiempo de horrorosa, solitaria e inerte vida. Qué hacer?”.

<sup>40</sup> “No sé pero quisiera ir a vivir a España. Mi existencia aquí es inhumana, imposible. Algún diario de Buenos Aires me pagaría correspondencias? Necesito de esto malamente, el diario de Chile que me contrató no fue capaz de cumplir, son una tropa de perros”.

<sup>41</sup> Todas as informações relativas à trajetória consular de Pablo Neruda foram extraídas da seção *Breve biografía*, presente no site da **Fundación Neruda**. Disponível em: <https://fundacionneruda.org/biografia/>. Acesso em: 3 jul. 2020. Não paginado.

<sup>42</sup> “he pasado un límite literario que nunca creí capaz de sobrepasar, y en verdad mis resultados me sorprenden y me consuelan”.

<sup>43</sup> [...] llega Neruda, luego de más de cuarenta años, a reducir toda esta riqueza cultural y social que experimentó de joven a una categoría reductora del Asia que él llamó en sus memorias “una desventurada familia humana” con “...una vida de brutales exigencias materiales, una condición colonial cimentada en la más acendrada abyección,

Suas posteriores declarações sobre *Residencia en la tierra* também dialogam com parte importante da crítica literária que a qualifica de “hermética, absorta, autodestrutiva e autoexploratória, em contraste com a poesia política de Neruda a partir da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) conectada com acontecimentos políticos históricos num país de fala hispânica” (CLEARY, 2018, n.p, tradução nossa)<sup>44</sup>.

Ainda que o poeta chileno tenha, por diversas vezes, feito questão de pontuar que em sua poesia não existiu qualquer tipo de influência oriental (CLEARY, 2018), declaração que possivelmente pode explicar a repulsa à *Residencia en la tierra*, não há dúvidas de que a experiência no Oriente foi fundamental, a ponto de dar-lhe condições de revolucionar os caminhos da poesia mundial, sobretudo, depois da publicação dos poemas de *Residencia*, tal como assinala a pesquisadora Eda Cleary (2018, n.p, tradução nossa)<sup>45</sup>:

[...] foi o estado de ‘transplantado’ cultural na Ásia, o que precisamente daria ao poeta asas para revolucionar a poesia mundial criando uma obra com “acontecimentos” tão válidos, como os políticos ou sociais, tais como a paixão carnal, a depressão, as ilusões e sonhos, a perplexidade, as angústias, a insegurança, o descontrole erótico e a profunda busca de sentido da vida individual da existência.

Era notório que Neruda estava absorvido pelas diversas experiências vivenciadas na Ásia, e estas refletiam-se nos poemas de *Residencia en la Tierra* (CLEARY, 2018). Essas vivências encontram-se igualmente presentes, talvez em proporções ainda mais significativas, nos relatos de viagem do escritor, gênero em que é possível descobrir ilustres diferenças de apreciação sobre o Oriente (CLEARY, 2018).

Em 1931, Pablo Neruda é nomeado cônsul em Singapura e, em 1932, regressa finalmente às saudosas terras chilenas. Não obstante, a permanência dele no Chile é breve, e, em 1933, volta novamente a exercer o cargo diplomático no exterior, na República da Argentina. Sua trajetória consular conquista expressão, e, em 1934, finalmente ingressa na Espanha como diplomata do governo chileno em Barcelona. Em 1935, um ano antes da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), é nomeado cônsul em Madrid, e, em 1939, torna-se cônsul especial da emigração espanhola. No ano seguinte, em 1940, em meio à ditadura franquista,

---

miles de muertos cada día, de cólera, de viruela, de fiebres, y de hambre...”.

<sup>44</sup> “hermética, ensimismada, autodestructiva y auto-exploratoria, en contraste con la poesía política de Neruda a partir de la Guerra Civil Española (1936-1939) conectada con acontecimientos políticos históricos en un país de habla hispana”.

<sup>45</sup> “[...] fue el estado de ‘trasplantado’ cultural en Asia, el que precisamente le daría al poeta alas para revolucionar la poesía mundial creando una obra con “acontecimientos” tan válidos, como los políticos o sociales, tales como la pasión carnal, la depresión, las ilusiones y sueños, la perplejidad, las angustias, la inseguridad, el desenfreno erótico y la profunda búsqueda del sentido de la vida individual de la existencia”.

Neruda deixa o país, sendo nomeado cônsul geral no México<sup>46</sup>.

Anos mais tarde, em *Confieso que he vivido*, Pablo Neruda afirma:

Li em alguns ensaios sobre poesia que minha permanência no Extremo Oriente influi em determinados aspectos da minha obra, especialmente em *Residencia en la tierra*. Na verdade, meus únicos versos daquele tempo foram os de *Residencia en la tierra*, no entanto [...] afirmo que essa ideia da influência me parece equivocada (NERUDA, [20 –], p. 87, tradução nossa)<sup>47</sup>.

E comenta também: “Não acredito que a minha poesia daquela época tenha refletido outra coisa, a não ser a solidão de um forasteiro transplantado a um mundo violento e estranho” (NERUDA, [20–], p. 87, tradução nossa)<sup>48</sup>. Apesar de negar a influência desses anos no Oriente em sua obra poética, hoje já reconhecida pela crítica nerudiana, em especial pelos teóricos que apontam o antiorientalismo em Neruda, a prosa injustificavelmente esquecida, segundo Juan Loveluck (1971), nos revela uma diferente percepção por conta da sutileza e da expressão com que Neruda nos apresenta seu imaginário sobre o Oriente, em outras palavras, a forma como ele enuncia, em seus textos, as tradições, as culturas e os territórios orientais. Ao mesmo tempo em que registra nos relatos de viagem o interesse e o fascínio por aquele universo completamente desconhecido, também deixa transparecer desconforto e inquietação, devido às múltiplas diferenças étnico-culturais que separam os continentes, o que, por si só, confere ao material um valor significativo, digno de análise e contemplação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs a analisar os relatos de viagem de Pablo Neruda produzidos quando da sua longa passagem pelo Oriente nas primeiras décadas do século XX. Muitos dos escritos do autor sobre este período revelam uma grande individualidade, compreendida, na época, como fundamental para um artista moderno. Além disso, os relatos de viagem de Neruda sobre o Oriente nos ajudam a compreender a sua trajetória artística, suas percepções pessoais sobre outras práticas culturais, além de nos permitirem aprofundar os nossos conhecimentos sobre as disputas políticas, econômicas e culturais em jogo no período. A principal discussão que se

---

<sup>46</sup> FUNDACIÓN PABLO NERUDA. **Breve biografía Pablo Neruda**. Disponível em: <https://fundacionneruda.org/biografia/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

<sup>47</sup> “He leído en algunos ensayos sobre poesía que mi permanencia en Extremo Oriente influye en determinados aspectos de mi obra, especialmente en *Residencia en la tierra*. En verdad, mis únicos versos de aquel tiempo fueron los de *Residencia en la tierra*, pero [...] digo que me parece equivocado eso de la influencia”.

<sup>48</sup> “No creo, pues, que mi poesía de entonces haya reflejado otra cosa que la soledad de un forastero transplantado a un mundo violento y extraño”.

desdobra a partir da análise é a forma como a construção dessa região nos textos Nerudianos se relaciona com o imaginário orientalista herdado do século XIX, que, delineado em um cenário de dominação e colonização, realça o caráter exótico e intocado desta região.

Nesse sentido, um primeiro entendimento viabilizado pela observação dos relatos nerudianos é a importância da obra para a compreensão de questões chave que confrontam os estudos contemporâneos da literatura de viagens, e, sobretudo, dos focados no imaginário sobre o Oriente. Neruda claramente desata as amarras da literatura de viagem da visão Imperialista, e vai ainda além, pois em seus relatos de viagem no Oriente colonizado ele consegue ressignificar o exótico, contradizendo a tese de Edward Said, no seu livro “*Orientalismo*” (2020), de que o exótico foi aprisionado, em escritos e imagens, uma vez que se prestavam unicamente a fins de dominação. Essa percepção diferenciada de Neruda sobre o exótico e o domínio estrangeiro sobre o Oriente pode estar relacionada ao fato de o escritor ter vivenciado em seu país, o Chile, as consequências extremamente negativas do processo de colonização espanhola.

Segundo Jorge Heine, em “*The Poet as Vanguard: Pablo Neruda and the Politics of the Global South*” (2013), parte da visão negativa de Neruda em relação à Ásia é reflexo de seu sentimento político anticolonialista, tendo o poeta declarado, mais de uma vez, que um escritor apolítico é um mito criado e impulsionado pelo capitalismo moderno. Em uma carta ao amigo Diego Muñoz, redigida em Rangum, percebemos claramente esse anticolonialismo:

Aqueles europeus intolerantes não eram muito interessantes e, afinal, eu não tinha vindo ao Oriente para passar a vida com colonizadores transitórios, mas sim com o espírito milenar daquele mundo, com aquela grande e infeliz família humana (Neruda, 1976, p. 120, apud FEINSTEIN, 2004, p. 59, tradução nossa).<sup>49</sup>

O próprio Neruda, ainda segundo Heine (2013), insistia que não apenas sua poesia, mas também sua vida pessoal e política “fomentaram um todo indizível”, de modo que sua obra, de maneira geral, está permeada por seus traços identitários sendo, portanto, potencialmente comunicadora de um espírito anticolonial.

Com base nessa discussão resultante da análise dos relatos nerudianos, retomamos nosso pano de fundo teórico sobre a construção de imaginários. Tal concepção teórica se relaciona com a presente pesquisa na medida em que as vivências e subjetividades de Pablo Neruda influenciam diretamente sua experiência como escritor viajante e, por conseguinte, seus relatos

---

<sup>49</sup> “Those intolerant Europeans were not very interesting and, after all, had not come to the Orient to spend my life with transient colonisers, but rather with the ancient spirit of that world, with that large, hapless human family”.

de viagem. Seu “lago semântico” (DURAND, 1994) existe em função de aspectos históricos, culturais e identitários de sua origem, imprimindo marcas em seu imaginário, que, ao entrar em contato com o mundo do outro, vão orientar seu olhar sobre o Oriente. Sendo assim, sua condição de cidadão nascido em um país que passou pelo processo de colonização proporciona uma perspectiva periférica materializada nas narrativas de seus relatos de viagem, que subvertem um discurso cristalizado sobre a região em questão.

Nesse sentido, destacamos o caráter inovador e insurgente desses relatos, o que se alinha a um entendimento do gênero não como um retrato fiel de fatos históricos, mas como discurso que, por sua condição de ser, está atravessado por elementos contextuais balizadores de seu conteúdo. Essa tendência nos relatos de viagem já mencionada neste artigo (cf. seção 2) se desdobra em uma questão posta por Sianturi (2011) com um claro teor político: “Podem [os escritos de viagem] se desfazer de suas origens imperiais? Podem eles, apesar de serem lembrados por seus começos violentos, avançar e atingir a maturidade discursiva?” (SIANTURI, 2011, apud YOUNGS, 2013, p. 3, tradução nossa).<sup>50</sup>

Acreditamos que um encaminhamento promissor para a referida pergunta seja justificado pelos estudos sobre o imaginário e pelo reconhecimento da natureza singular e impressionista dos relatos de viagem, temáticas cujo entrecruzamento deu origem às análises empreendidas neste artigo. A ideia de imaginário como reservatório de sentidos e motor propulsor de ação (MAFFESOLI, 2001) remete ao contexto de produção dos relatos de Pablo Neruda e seu potencial em construir novos imaginários. Outrossim, o caráter subjetivo dos relatos possibilitou o compartilhamento de visões tradicionalmente marginais, configurando-os, portanto, como ferramentas potencialmente transformadoras de realidades silenciadas ao longo da história por discursos dominantes.

## REFERÊNCIAS

ALÙ, Giorgia; HILL, Sarah Patricia. The travelling eye: reading the visual in travel narratives. *Studies in Travel Writing*, v.22, n.1, p.1-15, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/13645145.2018.1470073?needAccess=true>. Acesso em: 18 jun. 2020.

BORTHWICK, John. Travelling writing, writing travelling: the text as journey, the journey as text. Tese. University of Wollongong thesis collection 1954-2016, Department School of Creative Arts, 1991. Disponível em: <https://ro.uow.edu.au/theses/560/>. Acesso em: 18 jun. 2020.

---

<sup>50</sup> “Can [travel Works] divest itself of its imperial origins? Can it, despite being reminded of its violent beginnings, move forward and achieve discursive maturity?”.

CALVA REYES, Tatiana Verónica. **Propuesta de un plan de marketing estratégico para potenciar el desarrollo turístico, natural y cultural de la ruta de los Tepuyes**. Monografía. UNIVERSIDAD TÉCNICA PARTICULAR DE LOJA. La Universidad Católica de Loja. Disponível em: <https://docplayer.es/95995078-Universidad-tecnica-particular-de-loja-la-universidad-catolica-de-loja-area-administrativa.html>. Acesso em: 28 jun. 2020.

CARDONA PEÑA, Alfredo. Pablo Neruda: breve historia de sus libros. **Cuadernos Americanos** (México, dezembro 1950). Reproduzido e ampliado em *Pablo Neruda y otros ensayos* (México, De Andrea, 1955), do mesmo autor. Disponível em: [http://www.autoresdeluruguay.uy/biblioteca/emir\\_rodriguez\\_monegal/bibliografia/prensa/artp ren/iberoamer/latino\\_82.htm#n13](http://www.autoresdeluruguay.uy/biblioteca/emir_rodriguez_monegal/bibliografia/prensa/artp ren/iberoamer/latino_82.htm#n13). Acesso em: 18 jul. 2020.

CLEARY, Eda. Ceylán en el corazón de Pablo Neruda. Deconstruyendo los mitos de la vida y poesía de Neruda en Ceylán (Tercera parte). **El mostrador**, 2018. Disponível em: <https://www.elmostrador.cl/cultura/2018/05/21/ceylan-en-el-corazon-de-pablo-neruda%20deconstruyendo-los-mitos-de-la-vida-y-poesia-de-neruda-en-ceylan-tercera-parte/%3E>. Acesso em: 24 jul. 2020. Não paginado.

CONCHA, Jaime. **Neruda (1904-1936)**. Santiago: Editorial Universitaria, 1972.

DAZZI, Camila C. O moderno no Brasil ao final do século 19. **Revista de História da Arte e Arqueologia**. São Paulo, N.17, p. 87-124, 2012.

DURAND, Gilbert. **L'Imaginaire. Essai sur les sciences et la philosophie de l'image**. Paris: Hatier, 1994.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Colombo national capital, Sri Lanka**. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Colombo>. Acesso em: 26 jun. 2020. Não paginado.

FEINSTEIN, Adam. **Pablo Neruda: a passion for life**. United States: Bloomsbury, 2004.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena (org.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa* vol. 2. São Paulo: Humanitas, 2011, p. 62-86. Disponível em: <http://leha.fflch.usp.br/sites/leha.fflch.usp.br/files/inline-files/CSP2.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2021.

FUNDACIÓN PABLO NERUDA. **Breve biografía Pablo Neruda**. Disponível em: <https://fundacionneruda.org/biografia>. Acesso em: 26 jun. 2020. Não paginado.

HEINE, Jorge. The Poet as Vanguard: Pablo Neruda and the Politics of the Global South. **Sage Journals**, v.69, Issue 3, Aug. 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0974928413489469>. Acesso em: 18 jun. 2020.

HERNÁNDEZ, Consuelo. “El antiorientalismo en Pablo Neruda”. *Sophia Austral. Neruda 100 años*. Universidad de Magallanes. No. 10. Chile, 2006. Disponível em: [https://www.academia.edu/41668268/El\\_antiorientalismo\\_en\\_Pablo\\_Neruda](https://www.academia.edu/41668268/El_antiorientalismo_en_Pablo_Neruda). Acesso em: 20 jun. 2020.

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos Impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Editora: Paz Terra, 1998.

HUERTA SUBIRACHS, Joan. Hong Kong. Crisis en el modelo “un país dos sistemas”. **ANUARI DEL CONFLICTE SOCIAL**: 2014. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ACS/article/download/12282/15035/22177>. Acesso em: 30 nov. 2021.

JARDINES DEL CUETO, Lina. La problemática orientalista en el modernismo hispanoamericano: José Martí. **Contra Relatos desde el Sur**, (13), p.89-98, 2016. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/contra-relatos/article/view/15214/15139>. Acesso em: 20 jun. 2020.

KALMAN, Julie. Armchair Travels. **OUPlog** - Oxford University Press's, 2013. Disponível em: <https://blog.oup.com/2013/07/travel-writing-in-19th-century-france/>. Acesso em: 22 jun. 2020. Não paginado.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, nº15, agosto de 2001, quadrimestral. p. 74-78, 2001.

MCGRANE, Bernard. **Beyond Anthropology. Society and the Other**. New York: Columbia University Press. 1989.

MOITA LOPES, L. P. Socioconstrucionismo: discursos e identidades sociais. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Discursos de Identidades: discursos como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MONEGAL, Emir Rodríguez. Pablo Neruda: el sistema del poeta. **Revista Iberoamericana**, v. 39, nº 82-83, p. 41-71, enero-junio 1973.

MONTAIGNE, Michel de. **Los ensayos**. Traducción: J. Bayod Brau. BIBLIOTECA DIGITAL MINERD-DOMINICANA LEE, 1580. Disponível em: <https://ministeriodeeducacion.gob.do/docs/biblioteca-virtual/3Xls-de-montaigne-michel-ensayos-pdf.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2021.

NERUDA, Pablo. **Confieso que he vivido**. Memórias. Buenos Aires: Losada, 1976.

NERUDA, Pablo. **Antología General**. España: Alfaguara, 2010.

OLIVARES BRIONES, Edmundo. **Pablo Neruda, los caminos de Oriente**: tras las huellas del poeta itinerante (1927-1933). Santiago de Chile: Lom Ediciones, 2000.

PASSETTI, Gabriel. Os britânicos e seu império. **História (São Paulo)** v.35, n.77, 2016.

RIBEIRO, Erik Herejk. **A Birmânia até 1950**: desafios e legado histórico. 2004. Monografia (Graduação em Relações Internacionais) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71701/000879305.pdf?sequence=1>.

Acesso em: 22 jun. 2020.

ROMER, Christina D. **Great Depression**. Berkeley University of California, 2003.  
Disponível em: [https://eml.berkeley.edu/~cromer/Reprints/great\\_depression.pdf](https://eml.berkeley.edu/~cromer/Reprints/great_depression.pdf). Acesso em:  
28 jun. 2020. Não paginado.

SIANTURI, Dinah Roma. **From Colonial to Cosmopolitan Visions: Detours in the Theory of Travel**. Unpublished paper presented at a workshop on TravelWriting: Practice, Pedagogy and Theory, Asia Research Institute, National University of Singapore, February 2011.

SAID, Edward W. **Orientalismo - O oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SCHWARZENBACH, Annemarie. **Invierno en Oriente Próximo**- Diario de viaje  
Traducción y prólogo de Juan Cuartero Otal. España: Ediciones La Piedra Lunar, 2017.

SERRANO, Sónia. **Mulheres viajantes**. Lisboa: Tinta da China, 2017.

SIANTURI, Dinah R. From Colonial to Cosmopolitan Visions: Detours in the Theories of Travel. In: **Travel Writing: Practice, Pedagogy, and Theory**, Asia Research Institute, National University of Singapore, 2011.

THEROUX, Paul. Why we travel. **The New York Times**, Nova Iorque, 1 de Abril de 2011.  
Disponível em: <https://www.nytimes.com/2011/04/03/travel/03Cover.html>. Acesso em: 13 jun. 2020.

THORNTON, LYNN. Introduction. In: **Eastern Encounters: Orientalist Painters of The Nineteenth Century**. London: The Fine Art Society, 1978. Disponível em:  
<https://www.victorianweb.org/painting/orientalist/thornton1.html>. Acesso em: 05 abr. 2021.

TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. **Rev. Let.**, São Paulo, v.46, n.1, p.231-244, jan./jun. 2006.

YOUNGS, Tim. **The Cambridge Introduction to Travel Writing**. Cambridge University Press, 2013.

*Recebido: 31/05/2021*  
*Aprovado: 05/01/2022*